

## A BARCA DA PASSAGE na MALUCA

- Raios partam o ladrão do tempo – *esconjurado*<sup>1</sup>! - que me empata a vida - ia dizendo de si para si, a Maria, encharcada até aos ossos, *engaranhida*<sup>2</sup> pelo frio. Com uma mão lá ia segurando o canastro, enquanto que com a outra se afadigava no desbravar das contas da reza, invocando a Senhora dos Aflitos e a protectora, a Santa Bárbara, para a livrarem dos raios medonhos que riscavam em zigue zagues o céu chumbeiro, logo seguidos do ribombar assustador da trovoada que parecia capaz de *esfanicar*<sup>3</sup>, *tud'òmenos*<sup>4</sup>, o que tivesse forma ou expressão material na natureza.

Certo é que Maria não se preocupava demasiado com o *estramboto*<sup>5</sup> do temporal, que a rapariga não se *enleava*<sup>6</sup> com tão pouca coisa. Preocupava-a, isso sim, ter deixado para trás o irmãozito mais novo, que uma tosse mais parecendo esgana dos bofes, atacara. Tinha-o levado à botica do «ti Manuel Cunha», para que este lhe desse um xarope melaço e um cáustico, capazes de afadigar o *malzinho*<sup>7</sup>, ao garoto. Antes de se pôr a caminho, a Maria agasalhou o Luisito que ficou bem aconchegado, e tratou, ainda, de deixar um «caldito de conduto» na lareira, e a *traganeira*<sup>8</sup> de milho, com que os restantes irmãos, e a mãe, a Efigénea, a «Pederneira», pudessem aconchegar o *encostado*<sup>9</sup> do estômago.

Tudo isto fora a causa de faltar à hora combinada, para, em grupo – o que sempre era mais prazenteiro, e naquele dia, até aconselhável – demandar o caminho da Maluca. Afadigou-se, por isso, a aligeirar o passo, mas o certo é que, nem ao longe, olhar atirado lá para as funduras do caminho, divisou as colegas. E nem sequer outra alma penada se divisava por aqueles *endireitos*<sup>10</sup>, que naquele dia – pensava – mais pareciam os caminhos do purgatório. Ninguém com canastra de venda à cabeça, ou burricos carregados, ajoujados de lenha, sal ou outra mercancia, acartadas para a vila, se avistava. Ninguém se afoitara ao caminho com aquela *trabuzana*<sup>11</sup> medonha, que parecia imprópria para seres vivos.

A Maria da Anunciação não era mulher de desistir. Era uma mulher de *còrage*<sup>12</sup>. E, mesmo só, não hesitou em atirar-se ao caminho, e atravessar aquele deserto de areias maninhas, onde aqui e ali se distinguiam tufos raquíticos de vergõntes enfezadas,

---

<sup>1</sup> Amaldiçoado

<sup>2</sup> Tolhida

<sup>3</sup> Fazer em bocadinhos

<sup>4</sup> Tudo

<sup>5</sup> Extravagância

<sup>6</sup> Atrapalhava

<sup>7</sup> Maleita

<sup>8</sup> Peça de broa

<sup>9</sup> Vazio

<sup>10</sup> Paragens

<sup>11</sup> Temporal

<sup>12</sup> Coragem

castras *gafadas*<sup>13</sup>, povoadas por vezes (já) por uns enfezados milheirais. Os tinhosos pinheiros com que se pensava fixar as areias, e desse modo proteger os aluviões, que se acreditava poderiam vir a ser a terra prometida, separavam os prados arenosos para onde o esfalfado colono *cachiava*<sup>14</sup> carradas de pilados e outro escasso, e muito moliço, com que ousava esfalfadamente cumprir o desígnio de «agarrar um povo», àquele deserto nascido do mar.

Quando desembocou no prado da Maluca, terra já verdenta, e avistou ao longe a torre da Capela da Sr<sup>a</sup> da Encarnação. Maria «Pederneira» pensou com os seus botões que não levaria mais de meia hora para que o sol descesse ao nível do mar. Tempo suficiente que lhe seria necessário para chegar ao cais da *passage*<sup>15</sup>. Parecia-lhe ter ouvido o longínquo ressoar do *búzio*<sup>16</sup> que assinalava a partida da carreira, o que sendo improvável, dada a distância a que se encontrava, *inté*<sup>17</sup> podia acontecer com o *escarampêto*<sup>18</sup> do tempo. Já não tinha ideias de apanhar a última barca. Com este temporal desfeito, era até provável que não houvesse carreira. Se calhar, nem o Tóino «Murtoseiro», o mais atrevido e *esturto*<sup>19</sup> barqueiro da carreira do Ti Ambrósio, se *astreveria*<sup>20</sup> a tal escaramuça.



A BARCA DA PASSAGE

Por pensar no Tóino ..., acudiu à Maria, um sorriso maroto:

A *passage*<sup>21</sup> para a outra banda servia para raparigas e rapazes daquele tempo descontraírem do fardo que é a vida, e se entreterem ao jogo do *beliscão*, ousio que para os tempos era a antecâmara de outros atrevimentos, a sós.

Sola, sapato, rei rainha  
Foi ao mar buscar sardinha  
Põe o pé na pamplina  
O rapaz que jogo faz?

---

<sup>13</sup> Tifosas

<sup>14</sup> Acarretava

<sup>15</sup> Passagem para a outra banda ; carreira da barca

<sup>16</sup> O sopro do búzio era o sinal de chamada para a largada da barca

<sup>17</sup> Até

<sup>18</sup> Escarampanteado

<sup>19</sup> Teso, valente

<sup>20</sup> Atreveria

<sup>21</sup> Vide 19)

Faz o jogo do capão  
Diz à velha do condão  
Que arrecade o seu pezinho  
Que arrecade o seu pézão

Salta a pulga da balança  
Os cavalos a correr  
As meninas a aprender  
Diz-me lá minha menina  
Qual será a mais bonita  
Que se há-de recolher?

Lá estavam as costumazes comadres da galhofa: a Xerobia ,a Ana Gaiteira- danadinha prá brincadeira maldosa -, a Prazeres «Anunciada»,e a Pardala «Biqueira».Mulheres a quem a vida dura não conseguia retirar uma certa jovialidade, por mais atormentadas que fossem as agruras. As mais recatadas e menos faladeiras abusavam-se nos bancos a bombordo e estibordo ,para junto do cagarete onde o arrais Toino dirigia a manobra.A Anunciação ,era sabido tinha lugar bem junto ao ao varão da escota aquando da manobra da atracção ,sempre de cortar a respiração ,o Labareda enquanto calava a porta do leme a estibordo, dava a escota á Maria que habituada aquelas lides bem sabia o momento exacto para pôr a vela a panear ,facilitando o encontro aos moirões.

Passantes habituais o amolador, o « Ti Chinquilha»,homem dos cem ofícios ,exímio gateador de malgas e alguidares, prático colocador de varetas nos guardas chuvas e amolador de instrumental de cortar. Certo que a Pardala *dava um caquinho*<sup>22</sup> para se meter com o pobre homem que sossegadamente se sentava no traste junto ao mastro em faladura com outros passantes.

- É «ti Chinquilha» há-de passar lá por casa que o meu Xico diz que o meu alguidar já tem a «racha» muito aberta de tanto *puce*<sup>23</sup>.Precisa de uns gatos ,que eu não quero botar *chana* ,desafiava a língua da Pardala.

- Pois que vou..catão<sup>24</sup> ?!mas é melhor levar um *sevela*<sup>25</sup> não vá de teres por lá algum *ilhose*<sup>26</sup> da *cônchara*<sup>27</sup> entupido.

Risota geral e já o «ti Cantante» puxava da concertina e a preceito tocava uma de roda.

Indo eu ,eu ,eu  
A caminho de Viseu  
Encontrei um novo amor  
Ai Jesus que pra lá vou eu...

Logo o grupo soltava o chinelo e, pé descalço nos paneiros, rodopiava em desafio.

-Eh! gente...tomai freio, que ainda me botais a borda debaixo *d'auga* suas *colamantros*<sup>28</sup> ..*Artas*<sup>29</sup> com elas que me esfanicam o barco. *Berregas*<sup>30</sup> malinas ,gritava o Labareda.

---

<sup>22</sup> Fazia tudo para...

<sup>23</sup> Furo aberto com um bico agudo

<sup>24</sup> Porque não.

<sup>25</sup> Instrumento afiado com que se abrem furos na madeira ,couro ou até no barro.

<sup>26</sup> Peças de latão que se colocavam nos sacos por onde passavam os atilhos.

<sup>27</sup> Concha.

A Berta «Pimpoa» -a alcunha viera-lhe do seu jeito de andar sempre exuberante e garridamente *atafada*<sup>31</sup>, viúva do José Cachino *que deus tem!*- mulher *escofenada*<sup>32</sup>, de carnes rijas, bem mantida – no alimento que aconchega os interiores esfomeados, mas e também, dizia-se entre xaiel!, no alimento espiritual que o Padre Malaco lhe prodigalizava em visitas a horas incomuns -, levava sempre consigo, debaixo do encerado, na canastra, uma saquinha onde metia uma *traganeira*<sup>33</sup> de broa de milho, saída do forno da Ti Josefa Rendida, e ainda, embrulhados em papel pardo amarelecido pelo *molhanca*<sup>34</sup> gordurosa deles saídos, dois coiratos bem avinhados por via da *vinha d'alhos*<sup>35</sup> em que eram conservados no pote de barro. Não faltava uma garrafita que outrora fora *do fino*<sup>36</sup>, aberta pelo Supero, e que agora continha uma *pomada* tinta de que comprara um quartilho lá na loja do «ti Traquete», afamado taberneiro com *altar montado*<sup>37</sup> lá no Urjal, que tinha fama de vender vinho extreme, sem baptismo d'auga da fonte dos amores ( a melhor, mais límpida e a mais *frescal*<sup>38</sup> água para tal sacramento baptismal).

De navalha de *astripar*<sup>39</sup> e *escorchar*<sup>40</sup> a sardinha, em punho, a «Berta» cortava a broa para onde encaminhava o *coirato*<sup>41</sup> que lhe ia servir de conduto para o resto do dia. Logo que aberta a garrafita para *pingolar*<sup>42</sup> o conteúdo, era sabido que a Berta só abria excepção para o Labareda que, cuspiendo e limpando a boca às costas da mão, trilhava entre lábios a dita e deixava que «*o sangue de Cristo*<sup>43</sup>» lhe escorresse *gorgomilos* abaixo.

Quem se amofinava toda com esta deferência era a Anunciação que entre dentes murmurava: *raio da viúva gaiteira, parece que o padreca não lhe arrefece os calores.*

---

<sup>28</sup> Desleixadas.

<sup>29</sup> Raios.

<sup>30</sup> Que fazem muito barulho.

<sup>31</sup> Vestida; bem arreada.

<sup>32</sup> Limpaça.

<sup>33</sup> Peçaço de broa de milho.

<sup>34</sup> Molho gorduroso avinhado.

<sup>35</sup> Processo de conservação da carne consistindo em regá-la com vinho, e apondo-lhe muito alho.

<sup>36</sup> Vinho doce ( do Porto)

<sup>37</sup> Balcão onde se bebiam os copos de três.

<sup>38</sup> Fresquinha.

<sup>39</sup> Tirar a tripa ao peixe.

<sup>40</sup> Cortar a cabeça e esventrar o peixe, para o salgar em tinas.

<sup>41</sup> Peçaços da pele do porco com alguma entremeada agarrada.

<sup>42</sup> Bebericar.

<sup>43</sup> O vinho de missa.



### O «LABAREDA»

A embarcação atravessara já o Canal do Desertas e orçava ganhando o vento para não se deixar descair.

Era tempo de Josefa «Caixina» *inquisilar*<sup>44</sup> com o «Quim Trolaró» que no carroço levava umas mercancias para venda ,porta a porta. Chambres, camisotes, ceroulas, cuecas de perna e *barguilha*<sup>45</sup> abotoada, linhas e derivados, enfim uma loja ambulante. -Èh ti Joaquim, *vossemeçê*<sup>46</sup> não leva aí uma camisinhas, daquelas sem mangas nem abotoadura, de enfiar pela cabeça ao *zamparilho*<sup>47</sup>? A Zefa «Lavada» está mesmo a precisar, que logo entra a barra o seu home, o Toino «Espiga», e é certo que rapaz vai querer botar a *jaja*<sup>48</sup> no sitio. Vai ser uma *laburdia*<sup>49</sup>, que o Toino parece um *simprinhas*<sup>50</sup> mas é um *marjavante*<sup>51</sup> afiançado e deve trazer o *chamiço*<sup>52</sup> em brasa. -Cal' te mulher. *Delambida*<sup>53</sup> invejosa. Eu e o meu Toino cá nos arranjamos ó natural *,desmantados*<sup>54</sup>. O que tu querias sei eu bem *,astipôr*. Num me *injerizes* chopa, que desinquietada já estou eu. -Pois pudera. O festim vai ser *d'arromba*<sup>55</sup>.

A mota estava ali a dois passos. A manobra era sempre de arrepiar. A dois comprimento, uma ligeira arribadela para ganhar velocidade, e logo todo o leme a barlavento, em orça de aterragem. A Maria larga escota, o pano bate, trava a embarcação e a força da corrente, faz o resto atirando-o mansamente para o pousio. É a debandada. Ainda os cabos de amarração não estão passados e já bando granizeo salta lesto para a mota. Posta a canastra á cabeça, ala que se faz tarde. O peixe prateado espalha-se já pelo areal: é preciso conluir-se com os mercantis para que o quinhão fique a preço menos *contribado*<sup>56</sup>.

---

<sup>44</sup> Intrometer-se;desinquietar.

<sup>45</sup> Abertura nas cuecas para *verter águas*.

<sup>46</sup> Vossa mercê.

<sup>47</sup> Coisa desajeitada.

<sup>48</sup> Peça tronco cónica que se coloca no fundo da embarcação tapando o bocal de escioamento.

<sup>49</sup> Enfartadela.

<sup>50</sup> Simplório,incapaz de fazer mal.

<sup>51</sup> Maroto.

<sup>52</sup> Tição.

<sup>53</sup> Presumida.

<sup>54</sup> Com a camisa retirada.

<sup>55</sup> Assinalável.

<sup>56</sup> Proibido.

